

La Comédiathèque

Albano
e Eva

Jean-Pierre Martinez

comediatheque.net

**Este texto é oferecido gratuitamente para leitura.
Antes de qualquer exploração pública, profissional ou amadora,
deve obter a autorização do autor: <https://comediatheque.net>**

Albano e Eva

Jean-Pierre Martinez

Tradução pelo próprio autor

Um homem e uma mulher no seu jardim. Serão os primeiros ou os últimos?

Serão sequer um casal? Só Deus saberia... se já não estivesse morto.

Comédia de sketches para um ou vários casais.

1. Rebentos.....	3
2. Três.....	6
3. Frente a Frente.....	8
4. Carne.....	12
5. Secreto.....	15
6. De Improviso.....	17
7. Álibi.....	20
8. Relax.....	25
9. Zero.....	29
10. Atmosfera.....	31
11. Velhos.....	32
12. Permanência.....	33
13. Final.....	34

© La Comédiathèque

1. Rebentos

O que parece ser um jardim, que poderia ser um Éden. Eva está lá. Albano chega. Podem estar vestidos como Adão, ou não. Ele dá umas voltas ao seu redor, hesitando antes de lhe estender a mão.

Albano – Olá, chamo-me Albano.

Ela aperta-lhe a mão.

Eva – Eva.

Um silêncio.

Albano – Fodes?

Eva – Não sei...

Albano – Não sabes como se faz?

Eva – Também isso, sim.

Albano – Bem, eu também não. És a primeira mulher que conheço.

Eva – Para mim também... És o primeiro...

Albano – Bem, quando digo a primeira mulher, deveria dizer mais propriamente a primeira pessoa.

Eva – A primeira pessoa?

Albano – Não sabia que seria uma mulher.

Eva – Pois...

Albano – Então...

Eva – Estou um pouco indecisa.

Albano – Indecisa?

Eva – Percebes o que estamos prestes a desencadear?

Albano – Não...

Eva – Poderia ser o início de algo que não controlaremos de todo.

Albano – O início de...?

Eva – Uma reação em cadeia.

Albano – Algo atómico, dizes?

Eva – Poderia dar origem a toda uma história.

Albano – Que história?

Eva – A da humanidade! O nosso filho seria o início de uma interminável linhagem de descendência.

Albano – Eu só estava a falar de dar uma queca.

Eva – Milhares e milhares de humanos que terão de trabalhar para ganhar o pão com o suor do seu rosto. Porque aqui, entre nós, mal há o suficiente para dois.

Albano – E isso... Sobretudo salada e maçãs.

Eva – Então, evidentemente, terão de pôr-se a trabalhar, todos esses bastardos. A trabalhar a terra.

Albano – Isso de certeza.

Eva – E depois, lutarão entre si para a possuir, essa terra.

Albano – Não é impossível.

Eva – Uma longa linhagem de sacaninhas que se massacrarão alegremente durante séculos e séculos.

Albano – Pois...

Eva – E, claro, eles também começarão a fornicar. A multiplicar-se. A proliferar, sem parar.

Albano – Está visto.

Eva – E acabarão por destruir este pequeno pedaço de paraíso com os seus desperdícios, os seus peidos, os seus arrotos e os seus gases de efeito de estufa.

Albano – Visto assim, claro... Não é muito excitante.

Eva – Não, realmente.

Albano – E tens a certeza de...?

Eva – Pois sim.

Albano – Bem...

Eva – Vamos gerar gerações e gerações de filhos com problemas de Édipo com os pais. E que, todas as noites, sonharão apenas com uma coisa: matá-los! Até que alguns o consigam.

Albano – Ah, pois... Então, o que fazemos?

Eva – Acho que vou pensar mais um pouco.

Albano – Pois bem... Avisa-me... (*Prepara-se para sair*). Se não... posso ter cuidado.

Eva – Cuidado... É o que todos dizem...

Albano – Todos?

Eva – Não achas que és realmente o primeiro, pois não?

Albano – Não, claro, mas... Ao mesmo tempo, somos só dois.

Eva – Ah, sim?

Albano – Pois sim... Albano e Eva...

Eva – Já vejo... Então, eras tu?

Albano – Eu?

Eva – Da última vez. Já eras tu...

Albano – Sim, ao que parece.

Eva – Não me deixou grande memória.

Albano – De certo modo, melhor assim...

Eva – Achas?

Albano – Não, quero dizer, que não te tenha deixado uma má memória... Pelo que dizias antes... O nosso primeiro filho, tudo isso... E os milhares de descendentes que viriam depois.

Eva – É verdade que mete medo.

Albano – Pois.

Eva – Queres uma maçã enquanto isso?

Escuridão.

2. Três

Albano anda de um lado para o outro em frente a Eva, que está sentada, antes de se decidir a falar.

Albano – Sabes de alguma coisa?

Eva – Não.

Ele volta a andar nervoso de um lado para o outro e depois para novamente em frente a ela.

Albano – Se soubesses de alguma coisa, dirias-me.

Eva – Claro... E tu? Sabes de alguma coisa?

Albano – Nada. Não sei de nada.

Um silêncio.

Eva – Não saber de nada, assim, é insuportável...

Albano – Mas, se soubéssemos, não seria pior?

Eva – Quem sabe.

Albano – Tens razão, talvez seja melhor não saber demasiado.

Eva – Sim... Mas daí a não saber absolutamente nada.

Albano – É verdade... Não sabemos nada.

Eva – Absolutamente nada.

Albano – Nem sequer sabemos nadar.

Eva – Não.

Albano – E não sabemos caminhar sobre a água.

Eva – Não sabemos atar os sapatos.

Albano – Não temos sapatos.

Eva – Não sabemos que horas são.

Albano – Não sabemos em que dia estamos.

Eva – Não sabemos ler.

Albano – Para quê serviria? Não temos livros.

Eva – Se quiséssemos livros, teríamos de escrevê-los nós mesmos.

Albano – E não sabemos escrever.

Eva – E tudo isso para ter apenas um leitor.

Um silêncio.

Albano – O que sabemos, então?

Eva – Alguma coisa devemos saber, não?

Albano – Deixa-me pensar... Ah, sim... Sabemos contar.

Eva – Ah, é verdade. Sabemos contar.

Albano – Contamos outra vez? Para ver se não nos esquecemos.

Eva – Está bem. Começa tu.

Albano – Um.

Eva – Mais um.

Albano – Isso dá dois.

Eva – É verdade.

Um silêncio.

Albano – E depois do dois, o que vem?

Eva – Não sei.

Albano – Dois... É suficiente, não?

Eva – Sim. Por enquanto.

Eva levanta-se e vê-se que está grávida.

Albano – Enquanto formos só dois...

Escurecimento.

3. Frente a Frente

O jardim pode ter encolhido. Eva está sentada. Albano anda em círculos.

Albano – Este jardim não é muito grande, pois não?

Eva – É suficientemente grande para nós dois.

Albano – Não era um pouco maior antes?

Eva – Antes?

Albano – Ou talvez tenhamos crescido nós.

Eva – Não sei.

Albano – Às vezes gostaria de ter um pouco mais de espaço.

Eva – Para quê?

Albano – Para poder esticar as pernas, para começar.

Eva – De acordo...

Albano – E depois, não sei... Que ainda reste algo por explorar. Que ainda haja coisas por descobrir...

Eva – Sempre podes descobrir... os detalhes.

Albano – Os detalhes?

Eva – As pequenas coisas.

Albano – Mmm...

Eva – O que não se vê à primeira vista.

Albano – O que não se vê à primeira vista?

Eva – Olha, um trevo de quatro folhas, por exemplo.

Albano – Isso existe, um trevo de quatro folhas?

Eva – Não sei. Provavelmente.

Albano – Às vezes pergunto-me se a vida vale a pena ser vivida.

Eva – Podias procurar um trevo de quatro folhas.

Albano – Para quê, raios?!

Eva – Para me ofereceres, por exemplo.

Albano – Mmm...

Eva – Traria-nos sorte.

Albano – Achas?

Eva – Em qualquer caso, manter-te-ia ocupado.

Albano – Não sei.

Silêncio.

Eva – Ao mesmo tempo, pergunto-me se não terás razão...

Albano – Sobre o quê?

Eva – Pois... Não estamos a aborrecer-nos?

Albano – Sim, era o que eu dizia.

Eva – É verdade que conhecemos este jardim de cor...

Albano – Com certeza, é por isso que parece cada vez mais pequeno.

Eva – Se ao menos pudéssemos ir de férias de vez em quando.

Albano – Férias? Para onde?

Eva – Para outro lugar...

Albano – Mas outro lugar é...

Eva – Sim... Estamos rodeados de água e não sabemos nadar.

Um silêncio.

Albano – Não éramos mais, antes?

Eva – Antes de quê?

Albano – Não sei.

Eva – Mais? Referes-te a três?

Albano – Três, quatro... Vários, vá.

Eva – Vários tu e vários eu? Não sei.

Albano – Tenho a impressão de que havia mais gente.

Eva – Onde?

Albano – À nossa volta!

Eva – Sim, talvez.

Albano – E então onde estão agora?

Eva – Mais gente? Tens a certeza?

Albano – Pergunto-me apenas se...

Eva – O quê?

Albano – Se somos os primeiros... ou os últimos?

Eva – Por enquanto, somos só dois...

Um silêncio.

Albano – Até tenho a impressão de que no início, estava sozinho.

Eva – No início...?

Albano – Acho que chegaste depois.

Eva – Ah, sim?

Albano – Sim.

Eva – Então, o primeiro eras tu.

Albano – Sim.

Eva – Assim sendo, talvez também sejas o primeiro a partir.

Albano – Partir? Para onde?

Eva – Não sei. Onde estava eu antes de chegar aqui?

Albano – Isso...

Eva – Talvez do outro lado do mar.

Albano – Ou no fundo.

Eva – Não sei se é profundo.

Albano – O que é claro é que não podemos caminhar sobre a água.

Eva – Quando tentámos, quase nos afogámos.

Um silêncio.

Albano – É curioso, de qualquer forma.

Eva – O quê?

Albano – Nunca conheci ninguém além de ti?

Eva – Conhecer? Referes-te a...?

Albano – A conhecer!

Eva – Gostarias de conhecer alguém além de mim?

Albano – Não, não especialmente, mas... Saber que é possível. Tu não gostarias de conhecer alguém mais?

Eva – Nunca tinha pensado nisso. Sim, talvez.

Albano – Saber que temos opções.

Eva – Não nos limitarmos à primeira opção...

Albano – Aqui não escolhemos. Como só somos dois.

Eva – Pois, claro.

Albano – Como saber se realmente fomos feitos um para o outro?

Eva – Como só somos dois, estamos necessariamente feitos um para o outro.

Albano – Pois, claro...

Um silêncio.

Eva – Vários, neste pequeno jardim...?

Albano – É verdade que seria difícil cabermos três.

Eva – Já estamos bastante apertados.

Albano – A três... Acho que estou a começar a delirar.

Eva – Vá, melhor procura-me um trevo de quatro folhas...

Escuridão.

4. Carne

Albano e Eva continuam lá.

Albano – É incrível. Tudo cresce neste jardim.

Eva – Nem sequer precisamos semear sementes.

Albano – Nem regar.

Eva – E a colheita é milagrosa.

Eva – Só temos de estender o braço para colher a fruta.

Albano – E baixar-nos para apanhar os legumes.

Eva – E tudo é absolutamente ecológico.

Albano – Sim... Isso, o que significa, afinal?

Eva – O quê?

Albano – Ecológico.

Eva – Não faço ideia.

Albano – O que poderiam ser frutas e legumes que não sejam ecológicos?

Eva – Não sei.

Albano – Em todo caso, é ecológico.

Um silêncio.

Eva – Às vezes fico um pouco cansada de comer legumes, e tu?

Albano – Sim. Mas o que mais poderíamos comer?

Eva – O que se pode comer aqui, além das plantas?

Albano – Não vamos comer terra...

Eva – Não vamos comer ar.

Albano – Não vamos beber água do mar.

Eva – E não vamos comer-nos um ao outro.

Albano – Pois não...

Um silêncio.

Eva – Poderíamos comer os animais.

Albano – Os animais?

Eva – Não, estava a brincar.

Um silêncio.

Albano – Bem, talvez sejam saborosos.

Eva – Achas?

Albano – Não parece muito apetitoso.

Eva – Mas é verdade que seria algo diferente.

Albano – Como podemos saber se não é bom...?

Eva – Nunca tentámos.

Albano – E... Comê-los-íamos vivos?

Eva – O que significa vivos?

Albano – Como as frutas.

Eva – Queres dizer crus.

Albano – Isso. Naturais, vá. Em salada.

Eva – Achas que se deixariam comer crus?

Albano – Tens razão, talvez fosse melhor matá-los primeiro.

Eva – Matá-los?

Silêncio desconfortável.

Albano – Já mataste alguém alguma vez?

Eva – Referes-te a um animal?

Albano – Pois sim. Não a uma pessoa. Como só somos dois, se já tivesses matado alguém, eu não estaria aqui para perguntar.

Eva – Não... Bem, não intencionalmente...

Albano – Se não for de propósito, é menos grave, não?

Eva – Sim, é... um homicídio involuntário.

Albano – Se matássemos um animal. Sem querer. Podíamos comê-lo depois. Para ver que sabor tem.

Eva – Sim... Se não for de propósito...

Um silêncio.

Albano – Esta conversa começa a assustar-me...

Eva – A mim também...

Albano – Além disso, os animais são como nós, só há um casal de cada espécie.

Eva – Comemos um cada um e, logo a seguir, extingue-se a espécie.

Albano – Melhor servir-me mais um pouco de salada.

Ambos mastigam uma folha de salada sem entusiasmo.

Eva – Queres uma maçã para a sobremesa?

Albano – Vamos lá...

Comem uma maçã.

Eva – Estou a começar a ficar um pouco farta de maçãs.

Albano – Sim... Eu também...

Eva – Olha, havia um verme nesta maçã.

Albano – A sério?

Eva – Pois comi metade. Sem me dar conta...

Albano – E então?

Eva – Não é mau...

Escuridão.

5. Secreto

Albano e Eva revezam-se em frente a uma urna, na qual cada um introduz um voto.

Eva – E então? Por quem votaste?

Albano – Lembro-te que é um voto secreto...

Eva – Não é um pouco ridículo?

Albano – Ridículo? Por quê?

Eva – Só somos dois!

Albano – E então?

Eva – Como cada um sabe por quem votou... Ao fazer a contagem, saberei qual é o teu voto.

Albano – Bem, sim...

Eva – E entre nós, de que serve eleger um representante?

Albano – Para nos representar aos dois!

Eva – Perante quem?

Albano – Perante o outro!

Eva – E por quem votaste, então?

Albano – Por mim. E tu?

Eva – Também.

Albano – Queres dizer que também votaste por mim?

Eva – Não, votei por mim mesma.

Albano – Bem... Nesse caso, como é proporcional, cada um se representará a si mesmo.

Eva – OK... Então, não precisamos de fazer a contagem, não é?

Albano – Bem, sim, mesmo assim.

Eva – Para quê?

Albano – Não sou obrigado a acreditar em ti.

Eva – Pois bem, vamos a isso.

Albano – Espera aí!

Eva – O que foi agora?

Albano – Ainda não são oito horas em ponto...

Um silêncio.

Eva – E qual é o teu programa?

Albano – Proponho que abramos quartos de hóspedes.

Eva – Quartos de hóspedes? Para quê?

Albano – Não sei... Para fomentar o turismo...

Eva – Mas só somos dois.

Albano – É verdade...

Eva – Poderíamos adicionar um quarto para convidados.

Albano – Mas como dizes: só somos dois.

Eva – Podias ir dormir lá de vez em quando...

Escuridão.

6. De Improviso

Eva está lá, desocupada. Albano chega, um pouco desconfortável.

Albano – Olá... Vives por aqui?

Eva – Pode-se dizer que sim... E tu?

Albano – Estava de passagem.

Um silêncio.

Eva – E... pensas criar raízes... por aqui?

Albano – Depende.

Eva – Depende de quê?

Albano – Não sei... Aqui ou noutro lugar.

Eva – Faz o que quiseses. Estamos numa democracia.

Albano – O que me poderia dar vontade de ficar? Aqui, quero dizer...

Eva (*apontando para a própria testa*) – Por acaso tenho escrito “posto de turismo”?

Albano – Não.

Eva – Então, o quê?

Albano – O quê, de quê?

Eva – Decide-te: ficas ou vais embora, mas já. Porque, para ser sincera, estás a começar a ser um pouco...

Albano – Está bem, fico... Por enquanto.

Eva – Perfeito. Então, o que fazemos?

Albano – O que fazemos?

Eva – Não vais ficar aí plantado a olhar para mim, pois não?

Albano – Está bem, está bem... Não sei, podíamos conversar...

Eva – Estou a ouvir.

Albano – Fumas?

Eva – Porquê? Preferes as não fumadoras? Isto é uma entrevista de trabalho?

Albano – Nada disso! Pelo contrário. Só queria saber se tinhas um cigarro.

Eva – Mal nos conhecemos e já queres pedir-me um cigarro.

Albano – Nada disso! Aliás, não fumo.

Eva – Eu também não. Já temos algo em comum.

Um silêncio.

Albano – Tu... Tens um número?

Eva – Um número? Porquê? És dono de um circo? Queres que eu faça uma audição?

Albano – Um circo? Ah, sim, um... Um número de circo.

Eva – Já dizia eu que tinhas um ar de nómada.

Albano – Nómada?

Eva – Dos que andam sempre a viajar, sabes?

Albano – Não, não me referia a um número de circo. Referia-me a um número de telefone.

Eva – Entendido...

Albano – E então?

Eva – Tenho um número, mas não tenho telefone.

Albano – De que serve teres um número se não tens telefone?

Eva – Que espertinho... Ou és mesmo burro, ainda não percebi. Perdi o meu telefone. Por isso tenho um número, mas não um telefone. Mas tu, dá-me o teu número...

Albano – O meu número? Isto é...

Eva – Não me digas que tens telefone, mas não número.

Albano – Não, mas...

Eva – Bem... Tu não tens telefone, mas mesmo assim pedes-me o meu número. E como pensavas ligar-me? De uma cabine?

Albano – Não sei... Eu... Bem, sim, tenho um telefone, mas...

Eva – Queres um conselho?

Albano – Não... Bem, sim...

Eva – Devias ter cuidado. A improvisação não é o teu forte.

Albano – De acordo. Eu...

Eva – Prepara um pouco o texto para a próxima vez.

Albano – Isso...

Eva – Pelo menos um esquema... Depois preenches. Mas assim, a seco, sem rede... Não tens nível.

Albano – De acordo... Um... Um esquema... Vou ter isso em conta...

Eva – E, já agora, para que querias o meu número?

Albano – O teu número...? Não sei... Eu...

Eva – Não, porque já que estamos aqui os dois, se tens algo para me dizer... Talvez não seja necessário ligares-me.

Albano – Não, claro, mas...

Eva – Queres outro conselho?

Albano – Não sei... Sim.

Eva – Com ou sem telefone, tenta encerrar antes de esgotar o teu saldo.

Albano – O meu saldo...?

Eva – Já estamos há cinco minutos a falar e não disseste nada. Sinceramente, dás pena!

Albano – De acordo...

Eva – Sabes que mais? *(Tira um lápis e escreve algo num papel que lhe estende.)* Aqui tens o meu número. Quando encontrar o meu telefone, e tu encontrares uma cabine, liga-me, e falamos, pode ser?

Eva sai. Albano olha para ela a afastar-se, depois olha para o papel. Parece hesitar, depois dirige-se a alguém do público.

Albano – Vives por aqui? Sabes onde há uma cabine telefónica? Emprestas-me o teu telemóvel um momento? *(Pega no telemóvel que alguém lhe oferece, e finge marcar o número do papel.)* Obrigado... *(Ouve-se um toque vindo do seu próprio bolso. Surpreendido, tira outro telemóvel e atende.)* Olá? Olá? *(Fica perplexo por um instante.)* Acho que estou a falar comigo mesmo... *(Devolve o telemóvel ao espectador, dizendo-lhe.)* É o número dela... Mas eu tenho o telefone dela... *(Uma pausa.)* Não pensei em dizer-lhe que acabei de encontrar um... E que talvez fosse o dela, o que tinha perdido... E já se foi embora... *(Fica pensativo por um momento.)* Acho que ela tem razão. A improvisação não é o meu forte...

Escuridão.

7. Álibi

Num canto, um balde com champanhe, uma garrafa e duas taças. Eva espera, mostrando sinais de impaciência. Toca a campainha.

Albano (*fora de cena*) – Eva? Sou eu... Estás aí?

Albano entra vindo do exterior com uma pasta na mão e tenta beijá-la nos lábios, mas ela desvia-se.

Albano – Desculpa... Uma emergência com um cliente...

Eva – Um cliente ou uma cliente?

Ele prefere não responder.

Albano – O que foi?

Eva – Nada, está tudo bem... É o nosso aniversário de casamento, e o meu marido esqueceu-se. Mas, tirando isso, está tudo ótimo.

Albano olha para a garrafa de champanhe.

Albano – Merda...

Eva – Obrigada... Pelo menos não finges.

Albano – Desculpa, não era isso que eu queria dizer...

Eva – O ano passado também chegaste às dez da noite. Mas, pelo menos, trouxeste um ramo de flores.

Albano – Passei na florista, mas já estava fechada.

Eva – Esqueceste-te do nosso aniversário...

Albano – Claro que não me esqueci! Estive a pensar nisso o dia todo... Digamos que... neste momento exato, escapou-me.

Eva – Claro...

Ele pousa a pasta e tira o casaco.

Albano – Tive um dia horrível, acredita... Um cliente mudou uma reunião no último minuto. Aquele americano de que te falei, lembra-te?

Eva – Num dia como este, podias ter-te feito substituir.

Albano – Era o único no escritório! Além disso, era um caso importante...

Eva – Podias ter-me ligado.

Albano – Perdi o meu telemóvel... Não sei onde o deixei...

Eva – Como sempre, tens uma resposta para tudo...

Albano – Estou a dizer-te a verdade, apenas isso.

Eva – Albano, estamos casados há dez anos e vivemos num apartamento modelo.

Albano – É algo temporário...

Eva – Sim... Esse é o problema. Há dez anos que vivemos em algo temporário.

Albano – Este apartamento está muito bem. E não nos incomodam os vizinhos...

Eva – Claro, porque não há vizinhos. Vivemos sozinhos no último andar de um prédio que nem sequer está acabado.

Albano – Pelo menos o elevador funciona...

Eva – De manhã, antes de ir para o trabalho, temos de esconder todas as nossas coisas pessoais. Não podemos deixar nada à vista para não incomodar os visitantes que passam o dia todo.

Albano – Durante o dia, ambos trabalhamos...

Eva – Até a foto da minha mãe tenho de guardar numa gaveta, para não assustar os investidores!

Albano – Mas não pagamos renda...

Eva – Ainda assim, parece-me demasiado caro, Albano.

Albano – Temos um terraço! *(Dirige-se ao público.)* E olha! Que vista! *(Vendo que ela não se anima.)* Em todo o caso, cheira bem... O que preparaste?

Eva – Chegaste demasiado tarde, Albano. O champanhe está quente e o peru está frio.

Albano – Vá lá... Já estou aqui. *(Pega na pasta.)* Deixa-me guardar isto e vamos passar uma boa noite, pode ser?

Ele sai. Ela pega na garrafa no balde e volta a deixá-la cair. Depois, dirige a atenção para algo na sala. Tira uns binóculos de teatro para observar melhor. O telemóvel de Albano, no bolso do casaco, começa a tocar. Ela pousa os binóculos, hesita, e depois pega no telemóvel para atender.

Eva – Alô...? Sim... Não, sou a mulher dele. Está bem. Ah, sim? Não, não... Muito bem, vou dizer-lhe... *(Desliga, mas intrigada, verifica as mensagens do telemóvel.)* O desgraçado...

Albano regressa.

Albano – Dez anos já... Consegues acreditar? Parece que foi ontem...

Eva – Pensei que tinhas perdido o teu telemóvel...

Albano – Sim, eu... Também pensei...

Eva – Achas mesmo que sou estúpida?

Albano – Por que dizes isso?

Eva – O teu telemóvel acabou de tocar. Estava no bolso do teu casaco...

Albano – Não...

Eva – Atendi. Era a tua secretária...

Albano – Ah, sim... O que queria?

Eva – Andou à tua procura o dia todo. É curioso, porque passou a tarde toda no escritório e não te viu...

Albano – Não disse que tinha visto o americano no escritório. Pediu-me para encontrá-lo em...

Eva – Não te esforces. A tua secretária ligava-te para dizer que a tua reunião com o americano foi cancelada. Ele teve um AVC ontem à noite...

Albano – Não me deixaste acabar... Pediu-me que fosse vê-lo esta tarde ao hospital.

Eva – Curioso, porque segundo a tua secretária, ele morreu esta manhã.

Albano – Está bem... Então ouve, vou explicar-te...

Eva – Tens uma amante... E esperaste pelo nosso aniversário para me dizeres isso.

Albano – Mas não! Eu...

Eva – E eu que ia dizer-te que estou grávida!

Albano – O quê? Estás à espera de um filho? Meu? Isso é fantástico!

Eva – Vou deixar-te, Albano.

Albano – Não é nada do que estás a pensar, eu garanto-te...

Eva – Ah, sim? E essas mensagens que vi no teu telemóvel?

Albano – As mensagens...

Eva – Sim, as mensagens. Aquelas que não tiveste tempo de apagar... «Tenho saudades tuas, encontra-te comigo onde sabes». É bastante explícito, não achas?

Ele parece desconcertado, mas recompõe-se.

Albano – É um código.

Eva – Desculpa?

Albano – É verdade, ando a mentir-te há anos, Eva. Admito.

Eva – Finalmente...

Albano – Levo uma vida dupla, de facto. Mas nunca te traí... com uma mulher.

Eva – Não me vais dizer agora, depois de todos estes anos, que és homossexual...

Albano – Não, calma. Outra vez, não é nada do que estás a pensar. Na verdade, eu sou...

Eva – O quê?

Albano – Não é fácil dizer...

Eva – Pois imagino... Mas posso ajudar-te, se quiseres. Sou uma parva?

Albano – Sou um agente secreto.

Eva – Um agente secreto?

Albano – Bem, secreto... até hoje.

Eva – Bebeste?

Albano – Nem por isso.

Eva – Um agente secreto? Um espião, vá? Isso é o melhor que conseguiste inventar?

Albano – Não podia contar a ninguém, obviamente. Mas pronto... agora está em jogo a nossa relação.

Eva – Muito bem... E trabalhas para quem? A CIA? Aquele americano que era o teu chefe e que o KGB eliminou simulando um ataque cardíaco, estou errada?

Albano – Trabalho... para o MOSSAD.

Eva – O MOSSAD?

Albano – Sim... Os serviços secretos israelitas, se preferires...

Eva – Mas tu nem sequer és judeu!

Albano – Bem, um pouco sou...

Eva – Se fosses judeu, depois de tanto tempo, achas que eu não saberia? Sou tua mulher!

Albano – Não te fies nas aparências, Eva... É um pouco mais complicado que isso. É a minha avó materna quem...

Eva – Então, isso é o melhor que conseguiste inventar? É patético. Precisas de ajuda, Albano, a sério. Estás completamente louco.

Albano – É verdade, Eva. Tens de acreditar em mim.

Eva – És um mitómano, Albano. Passaste anos a mentir-me. Sobre tudo. Mas sobretudo para esconder as tuas aventuras. E hoje saís-te com essa de que és um espião israelita quando nem sequer és circuncidado. Como queres que eu acredite?

Albano – Desta vez não te estou a mentir, juro.

Eva – Desta vez? Desiludes-me, Albano. Desiludes-me muito. Nunca pensei que me tomasses tanto por idiota.

Albano – Sabes? Durante a nossa lua de mel em Eilat, no Mar Vermelho, quando passei uma hora no posto da polícia da alfândega...

Eva – Porque não reconheceste a tua mala, que passou uma hora sozinha na passadeira do aeroporto, e chamaram os artificiais para a fazer explodir...

Albano – Foi nesse dia que me propuseram trabalhar para eles.

Eva – Eles? Quem são eles?

Albano – O MOSSAD!

Eva mostra o telemóvel.

Eva – «Tenho saudades tuas, encontra-te comigo onde sabes»... É uma mensagem do teu amigo imaginário do MOSSAD?

Albano – É um código, estou a dizer-te. Para um encontro.

Eva – Um encontro? Sim, isso já tinha percebido.

Albano – É para não atrair atenção. Caso as nossas mensagens fossem intercetadas. «Tenho saudades tuas» significa que preciso de te ver. «Onde sabes», bem, significa...

Eva – Onde sabes.

Albano – Isso.

Eva – Desta vez não vai ser suficiente, Albano.

Albano – O que mais queres?

Eva – Provas, por exemplo.

Albano – Lamento, não as tenho.

Eva – Claro.

Albano – Não é um contrato como outro qualquer! Tudo isto é feito sem deixar rasto, como podes imaginar.

Eva – Mas não estarás a trabalhar de graça, suponho. Um espião deve ganhar bem a vida. E deixas-me a viver num apartamento modelo?

Albano – O dinheiro é depositado numa conta numerada, cuja chave receberei quando deixar as minhas atividades.

Eva parece completamente desconcertada.

Eva – E pretendes que eu engula isso?

Albano – Sim, por favor, Eva... Por nós... Pelo nosso filho... Por última vez, peço-te que acredites em mim... Porque é a verdade!

Ela hesita.

Eva – Já não sei o que te dizer, Albano. Estou cansada. Vou para a cama...

Albano – Tens razão. Compreendo que precisas de um pouco de tempo para assimilar esta notícia. Enquanto isso, não contes a ninguém, está bem? Nem sequer à tua mãe. Tem de continuar a ser um segredo entre nós, senão...

Ela faz-lhe um manguito e vai-se embora. Ele encontra os binóculos de teatro que ela deixou sobre a mesa. Parece surpreendido. Pega nos binóculos e começa a observar algo na direção do público. Primeiro por simples curiosidade. Depois com atenção concentrada.

Escuridão.

8. Relax

Albano e Eva.

Albano – Que bom estar de férias...

Eva – Finalmente.

Albano – Sem pensar em nada.

Eva – Sem fazer nada.

Albano – Sem ver ninguém.

Eva – Pura felicidade.

Um silêncio.

Albano – Isto é o fim do mundo.

Eva – Era o que queríamos, não era? Estar tranquilos.

Albano – Tranquilos estamos, isso é certo.

Eva – Sem computador...

Albano – Sem telemóvel.

Eva – De qualquer forma, não há rede.

Um silêncio.

Eva – Achas que aguentamos três semanas?

Albano – Os três primeiros dias talvez sejam um pouco difíceis. Como quando deixas de fumar. Depois, vai correr bem.

Eva – Temos de admitir que este lugar é lindo.

Albano – Sim. É um verdadeiro paraíso.

Eva – O lugar ideal para descansar e esquecer tudo.

Albano – Pergunto-me como conseguimos viver na cidade o ano inteiro.

Eva – É verdade que um pouco de natureza...

Albano – Pelo menos respira-se.

Eva – E esse silêncio...

Um silêncio.

Albano – Até dói um pouco nos ouvidos.

Eva – Quando já não estás habituado...

Albano – E esta mudança de ares.

Eva – Isso é certo.

Um silêncio.

Albano – Não estivemos já aqui antes?

Eva – Aqui? Lembraríamos, não achas?

Albano – Embora, no fundo, o campo é sempre igual, não é?

Eva – Sim.

Um silêncio.

Albano – Isto é muito isolado.

Eva – Bem, pelo menos não vamos ser incomodados pelos vizinhos.

Albano – Até é inquietante. Se tivéssemos algum problema.

Eva – Que problema poderíamos ter? Estamos de férias.

Albano – Não sei, um acidente doméstico...

Eva – Tem cuidado a lavar a alface.

Albano – Uma hemorragia cerebral... Um enfarte... Para quando a ambulância chegar...

Eva – Tens razão, devíamos ter trazido um desfibrilhador.

Albano – Achas?

Eva – Levamos uma vida de loucos o ano inteiro. Seria o cúmulo termos um enfarte agora. Não podemos estar mais tranquilos do que aqui!

Albano – Justamente, o coração não está habituado. Todo este oxigénio de repente... Sinto-me como se tivesse fumado um charro.

Eva – Mesmo assim, que prazer poder respirar. Não estar apertados no escritório como galinhas num aviário industrial.

Albano – Ou como sardinhas no metro.

Eva – Nem uma vaca à vista.

Albano olha para o chão.

Albano – Os nossos únicos vizinhos imediatos são as formigas.

Eva também olha para o chão.

Eva – E essas sim, trabalham.

Albano – Sim, não param.

Eva – Olha, aquela leva o cadáver de uma libélula três vezes maior do que ela.

Albano – Talvez fosse uma libélula de férias aqui que morreu de tédio.

Eva – Ou que sucumbiu a um enfarte antes de os serviços de emergência chegarem.

Albano – De qualquer forma, não param.

Eva – Dá a impressão de que trabalham demais.

Albano – As formigas nunca tiram férias.

Eva – Isso é certo. As férias pagas são coisa do homem.

Albano – Bem, depende. Também há animais muito preguiçosos.

Eva – Ah, sim?

Albano – Diria que o mamífero, em geral, é muito preguiçoso.

Eva – O bicho-preguiça é um mamífero?

Albano – De qualquer forma, o homem é um mamífero.

Eva – Ah, sim?

Albano – Tu não pões ovos, pois não?

Eva – Os insetos, sobretudo, são os que só pensam em trabalhar.

Albano – Os insetos sociais, como dizem... As formigas, as abelhas, os cupins...

Eva – Sim... Trabalham de sol a sol, 365 dias por ano. Tanto faz se estamos de férias ou não.

Albano – Na verdade, tanto faz se existimos ou não.

Eva – Vivem ao nosso lado. Ignoram-nos.

Albano – Diria até que nos desprezam. Não lhes importamos nada.

Eva – O homem conseguiu exterminar quase todos os mamíferos selvagens. Os outros domesticou ou transformou em carne de açougue. Mas os insetos... Esses continuam. Fazem o que têm de fazer. Agem como se não estivéssemos aqui.

Albano – E nem falo dos pássaros.

Eva – O que têm os pássaros?

Albano – Não os ouves cantar? Parece que estão a rir de nós.

Eva – Se ao menos pudéssemos entender o que dizem...

Albano – Acho que tenho uma ideia.

Eva – O quê?

Albano – Dizem algo como: “Somos dinossauros, e aqui estamos.”

Eva – Os que estão em perigo de extinção são vocês. E não queremos saber.

Albano – Achas que os dinossauros voltarão ao tamanho normal quando os humanos desaparecerem?

Eva – Pode ser. Agora passam despercebidos porque estamos aqui.

Albano – Estão à espera que o vento mude para voltarem a ser monstros.

Eva – Felizmente, não estaremos aqui para ver...

Um silêncio.

Albano – Estou quase certo de que já estivemos aqui antes.

Eva – Quando?

Albano – Não foi no ano passado?

Eva – Ah, pode ser... Mas havia mais gente, não achas?

Albano – E menos formigas...

Escurecimento.

9. Zero

Albano lê um jornal. Eva dorme levemente.

Albano – Viste? Os chineses abandonaram a política do filho único.

Eva – E cá vamos nós outra vez... Como se já não houvesse gente demais neste mundo.

Albano – E tudo isso, a poluir e poluir.

Eva – Ainda por cima, com as suas centrais a carvão.

Albano – A energia nuclear é perigosa, mas pelo menos é limpa.

Um silêncio.

Eva – Imagina. Se, em vez da política do filho único, a China adotasse a política do filho zero, não haveria mais chineses numa geração.

Albano – Seria preciso esperar que todos os chineses mais velhos morressem, claro.

Eva – Digamos, em um século.

Albano – Embora haja muitos centenários na China.

Eva – Mesmo os centenários morrem um dia.

Albano – Não é mais no Japão onde há muitos centenários?

Eva – Sim, pode ser.

Albano – O que é certo é que, se houvesse menos chineses, haveria menos poluição.

Eva – Ainda assim, continuariam a existir mais de mil milhões de indianos.

Albano – Seria necessário fazer o mesmo na Índia.

Eva – E em África.

Albano – E nos Estados Unidos.

Eva – Na verdade, seria necessário em todo o mundo.

Albano – Se não houvesse humanos, o problema da poluição seria resolvido definitivamente. E o ar ficaria mais limpo.

Eva – Nada de filhos, como nós. É a única solução.

Albano – Isso já diziam os cátaros.

Eva – Os cátaros eram ecologistas?

Albano – Pelo menos, eram a favor de proibir a reprodução.

Eva – Tinham toda a razão.

Albano – De certo modo, somos um pouco como os cátaros.

Eva – Sim... Os nossos filhos não vão influenciar a pegada de carbono.

Albano – No dia em que inventarem filhos eficientes em energia...

Eva – Filhos de baixo consumo.

Albano – E completamente recicláveis.

Eva – Isso não será amanhã.

Albano – Sirvo-te mais um pouco de vinho? É ecológico.

Eva – Se é ecológico, então...

Escuridão.

10. Atmosfera

Albano e Eva, no jardim.

Albano – Hoje respira-se um pouco melhor, não achas?

Eva – Sim. Dá quase vontade de sair sem a máscara de gás.

Albano – Não sei se é muito prudente, ainda assim.

Eva – O que dizem na rádio?

Albano – Pequena descida: de 48 a 52 na zona norte, vento moderado de leste com partículas finas, risco de chuvas ácidas ao final do dia.

Eva – Vou levar um guarda-chuva...

Albano – Mas não fiques muito tempo lá fora, de qualquer maneira.

Eva – Lembras-te quando podíamos passar dias deitados na relva de um parque? Sem fato climatizado.

Albano – Não entendo como chegámos a isto.

Eva – Acho que tudo se acelerou com a eleição daquele louco nos Estados Unidos.

Albano – Mas já tinha começado muito antes disso.

Eva – A questão é: onde é que isto vai acabar?

Albano – É preciso fazer alguma coisa, mas o quê?

Eva – Podíamos parar de respirar...

Albano – É verdade que isso resolveria todos os nossos problemas...

Eva – De qualquer forma, vou pôr a máscara de gás.

Albano – Tens razão. Bem, tem um bom dia.

Eva – Tu também.

Eva sai.

Albano – Não devíamos brincar com isto...

Escurecimento.

11. Velhos

Albano e Eva.

Albano – O que está a acontecer connosco?

Eva – Nada. Não aconteceu nada.

Albano – Então, o que se passa?

Eva – Nada. O tempo passou.

Albano – Estamos velhos?

Eva – Exatamente.

Albano – Como é que isso aconteceu?

Eva – Foi chegando, pouco a pouco.

Albano – E só agora percebemos.

Eva – É a primeira vez que nos acontece.

Albano – O quê?

Eva – Ser velhos.

Albano – Da próxima vez, vamos ter mais cuidado.

Eva – Sim.

Albano – Achas que vai passar?

Eva – Não sei.

Albano – Só precisamos esperar.

Eva – De certeza que vai acabar por passar.

Albano – Já não tenho cabelo na cabeça.

Eva – No ano passado, as árvores ficaram sem folhas, e olha agora!

Albano – Estão a começar a nascer outra vez.

Eva – O nosso cabelo também voltará a crescer um dia.

Escuridão.

12. Permanência

Albano e Eva.

Albano – Continuamos aqui.

Eva – Onde mais poderíamos estar?

Albano – Poderíamos já não estar aqui.

Eva – E onde estaríamos?

Albano – Não estaríamos.

Eva – Ou seríamos outra pessoa.

Albano – Eu seria tu e tu serias eu?

Eva – Mas continuaríamos aqui.

Albano – Estamos bem aqui.

Eva – Estamos no paraíso.

Albano – Estamos no inferno.

Eva – Estamos na Terra.

Albano – Para toda a eternidade.

Escuridão.

13. Final

Albano e Eva.

Albano – Desta vez, é o fim.

Eva – Somos os últimos.

Albano – É a última noite do último dia.

Eva – Quanto tempo nos resta?

Albano – Uma hora mais de eletricidade.

Eva – Depois, o ar condicionado vai parar.

Albano – Vamos morrer de calor.

Eva – Já estamos a morrer de calor, não achas?

Albano – Mas agora será de verdade...

Eva – Tenho sede. Ainda há algo para beber?

Albano – Há uma maçã.

Ela pega na maçã e oferece-a.

Eva – Partilhamos?

Albano – Vou deixar-me tentar...

Ela corta a maçã ao meio, e ambos comem a sua parte em silêncio.

Eva – O nosso último jantar. Sozinhos.

Albano – A última maçã, da última macieira. Antes que o jardim seja devorado pelas chamas do inferno.

Eva – Ficaré o sabor na boca durante alguns minutos. E depois, por mais um instante, a lembrança desta última maçã, partilhada entre nós dois.

Albano – Antes que até a ideia da maçã e da tentação desapareça connosco.

Eva – E depois?

Albano – Depois?

Eva – Não haverá depois...

Albano – Haverá um depois, talvez noutro lugar, mas sem nós.

Eva – É como morrer, então. Não somos os primeiros.

Albano – Não. Somos os últimos.

Eva – Os últimos a viver.

Albano – Os últimos a morrer.

Eva – E connosco morre a humanidade.

Albano – E depois?

Eva – Já não haverá um antes.

Albano – Não haverá mais memórias.

Eva – Não haverá testemunhas.

Albano – Nem passado nem futuro.

Eva – Apenas o presente.

Albano – O mundo sobreviverá a nós, sem notar a nossa ausência.

Eva – Os planetas continuarão a girar.

Albano – Isto não é o fim do mundo.

Eva – É o fim de uma história. A nossa história.

Albano – Uma história que começou bem e terminou mal.

Eva – Quando uma história termina bem, é porque outra começa.

Albano – A nossa história será a última.

Eva – Já não há nada para contar.

Albano – Nem ninguém a quem contar.

Eva – Quem será o último?

Albano – O último?

Eva – O último a ficar. O último a ir. Tu? Eu?

Albano – Há sempre um último. O outro segue.

Eva – Fomos felizes. Fomos infelizes.

Albano – Fica-nos um passado em ruínas.

Eva – Fica-nos uma hora.

Albano – Se o ar condicionado durar até lá.

Eva – E depois?

Albano – Depois...

Eva – Depois de nós, o dilúvio.

Albano – E nenhuma arca para nos salvar ou repovoar o mundo. Depois.

Eva – Se é que haverá um depois.

Albano – Podíamos deixar uma nota.

Eva – A palavra “fim”.

Albano – Uma letra.

Eva – A letra Z.

Albano – Um testamento.

Eva – Somos os últimos, não temos herdeiros.

Albano – Connosco extingue-se a linhagem dos homens.

Eva – E das mulheres.

Albano – Não temos nada para deixar, nem sequer a vida.

Eva – Nem sequer um mundo onde estar mortos.

Albano – O testamento da humanidade, então. Para outra humanidade futura.

Eva – O que poderíamos dizer-lhes? Que não soubemos continuar vivos?

Albano – Fica-nos um quarto de hora. Talvez menos.

Eva – O que poderíamos fazer?

Albano – Falar não adianta.

Eva – Pensar não adianta.

Albano – Está tanto calor...

Eva – O que podemos fazer ainda?

Albano – Amor? Uma última vez...

Eva – Está tanto calor. Já nem me lembro do teu nome.

Albano – Albano. E tu?

Eva – Eva...

Albano – Tinha de calhar a nós...

Eva – Sim.

Albano – Então...

Eva – Não sei. Já não sei. Porquê?

Albano – Podíamos ter-nos amado. Casar. Ter um filho.

Eva – Ainda podíamos ter um filho.

Albano – Sim.

Eva – Mas não faria sentido.

Albano – Não falava de ter um filho. Apenas de...

Eva – Desculpa... É um princípio. Nunca na última noite.

Albano – Os princípios são tudo o que nos resta de humanidade.

Eva – Para não voltarmos a ser animais.

Albano – Antes de deixarmos de ser humanos.

Eva – E começarmos a ser coisas.

Albano e Eva preparam-se para sair.

Albano – Depois de ti.

Eva – Obrigada.

Albano – Vamos deixar esta ilha para mergulharmos nas profundezas do mar.

Eva – Ou será o mar que nos engolirá.

Albano – Antes de subirmos lentamente, passo a passo, até à superfície.

Eva – Quando tiver passado uma eternidade.

Albano – Passo a passo, deixaremos o reino das trevas.

Eva – E ressurgiremos dos abismos para voltarmos à luz.

Albano – Tendo esquecido tudo.

Eva – Um mundo desaparecerá.

Albano – Outro renascerá.

Eva – Será melhor do que este?

Albano – Onde quer que estejamos, estarei contigo.

Eva – Quem quer que sejamos, seremos pelo menos dois.

Albano – Para começar...

Escuridão.

Fim.

O autor

Nascido em 1955 a Auvers-sur-Oise (França), Jean-Pierre Martinez começa como baterista em diversas bandas de rock, antes de se tornar semiologista publicitário. Depois, é argumentistas na televisão e volta ao palco como dramaturgo.

Ele escreveu uma centena de cenários para o pequeno ecrã e cerca de 100 comédias para o teatro, algumas das quais já são clássicos (*Sexta-feira 13* ou *Strip Poker*).

É hoje um dos autores contemporâneos mais interpretados em França e nos países francófonos. Além disso, várias das suas peças, traduzidas em espanhol e inglês, estão regularmente em cartaz nos Estados Unidos e na América Latina.

Para amadores ou profissionais, a procura de um texto, Jean-Pierre Martinez optou por oferecer as suas peças em download gratuito no seu site La Comédiathèque (comediatheque.net). No entanto, qualquer representação pública fica sujeita a autorização junto da SACD.

Peças de teatro do mesmo autor, traduzidas em português

Monólogos

Como um peixe no ar
Happy Dogs

Comédias para 2

A Corda
A janela da frente
Cara ou coroa
Cuidado frágil
Ela e Ele
Encontro na plataforma
EuroStar
Há um piloto a bordo ?
Nem sequer morto
No fim da linha
O Joker
Os Náufragos do Costa Mucho
Preliminares
Réveillon na morgue
Um Sonho de Casa

Comédias para 3

Coisas do Acaso
Crash Zone
Cuidado frágil
Ménage à trois
Plágio
Por debaixo da mesa
Sexta-Feira 13
Um breve instante de eternidade
Um pequeno assassinato sem
consequências
Um pequeno passo para uma
mulher, um salto no vazio para a
Humanidade...

Comédias para 4

Apenas um instante antes do fim do
mundo
As Pirâmides
Cama e Café
Crise e castigo
De volta aos palcos
Déjà vu
Denominação de Origem não
Controlada
Depois de nós, o dilúvio!
Gay friendly
Há algum crítico na sala?
Há um autor na sala?
O amor é cego
O aquário
O cheiro do dinheiro
O contrato
O cuco
O genro perfeito
Os nossos piores amigos
Os Sogros Ideais
Os Turistas
Quarentena
Quatro estrelas
Ressaca
Retrato de família
Sexta-feira 13
Strip Poker
Um caixão para dois
Um casamento em cada dois
Um esqueleto no armário
Um Sonho de Casa
Uma noite infernal

Comédias para 5 ou 6

Bem está o que mal começa
Crise e Castigo
Engarrafamento no Caminho do
Cemitério
Flagrante delírio
Nochebuena en la comisaría
O Rei dos idiotas
O Sorteio do Presidente
Os Rebeldes
Pronóstico Reservado
Réveillon na esquadra
Sem flores nem coroas

Comedias para 7 ou mais

A pior aldeia de Portugal
A representação não está cancelada
Batas brancas e humor negro
Bem-vindos a bordo!
Como um filme de Natal...
Corações Abertos
Crise e Castigo
Dedicatória Especial
Erro da funerária a teu favor
Fora de jogo
Jogo de Escape
Milagre no convento de Santa
Maria-Joana
Nem sempre a música amansa as
feras...
Nicotina
O Jackpot
O reverso do cenário
O Sorteio do Presidente
Os Flamingos azuis
Pré-histórias Grotescas
Reality Show
Réveillon na esquadra
Um Sonho de Casa
Uma herança pesada
Xeque-Mate

Comedias de sainetes (sketches)

Aviso de passagem
Breves de palco
Breves do tempo perdido
Cenas de rua
Corações Abertos
Demasiado é demasiado!
De verdade e de brincadeira
Dramédias
Ela e Ele
Matadores de piadas
Memórias de uma mala
Morrer de Rir
Nicotina
O Balcão

*Todas as peças de Jean-Pierre Martinez
podem ser baixadas livremente no seu site :*
<https://comediatheque.net>

*Este texto é protegido pelas leis relativas ao direito de propriedade intelectual.
Todas as contrafações são puníveis,
com multa até 300.000 euros e 3 anos de prisão.*

Avinhão – Dezembro de 2024

© La Comédiathèque
ISBN 978-2-38602-288-3

Documento para download gratuito